

Como citar este artigo:

Weber, L.N.D., Pavei, C.A. & Biscaia, P. (2005). Imagem social do psicólogo e da psicologia para a população de Curitiba: 12 anos depois. *Psicologia Argumento*, 23(40), 19-30.

IMAGEM SOCIAL DO PSICÓLOGO E DA PSICOLOGIA PARA A POPULAÇÃO DE CURITIBA: 12 ANOS DEPOIS¹

Lidia Natalia Dobrianskyj Weber²; Camila Addison Pavei³ & Pedro Biscaia³

Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná

Resumo

Esta pesquisa teve o objetivo de identificar a imagem do psicólogo e da Psicologia em uma amostra da população da cidade de Curitiba. Participaram como sujeitos 400 pessoas, de ambos os sexos, com idade entre 18 e 60 anos, provenientes de diversos níveis culturais e socioeconômicos. Os dados dessa pesquisa foram comparados com os resultados de pesquisa semelhante realizada em 1990 por Weber. A maioria da população entrevistada considerou o psicólogo um profissional, que tem como objeto de estudo pessoas, e que atua através da orientação e conversa. Quanto às áreas de atuação, a maioria dos entrevistados citou conjuntamente a clínica, a escola e as empresas, no entanto, de forma geral, ainda existe uma associação direta entre o trabalho do psicólogo e a prática clínica. Os dados atuais diferem consideravelmente da pesquisa realizada em 1990 e indicam que a imagem que a população tem do psicólogo está cada vez mais de acordo com a realidade dessa profissão.

Abstract

The objective of this research paper is to explore the image of psychologists and of Psychology in general, as perceived by a sample population from Curitiba-Brazil. Four hundred persons from different social origins, consisting of both sexes and with ages between 18 and 60 years, participated in the study. The majority of participants considered psychologists to be of a professional level, having other persons as an object of study and that they worked through directed orientation and conversation. When asked about the psychologist's working environment, the participants cited clinics, schools and formal organizations; for which the strongest emphasis was upon clinics. The resulting data was compared with that of previous research conducted in 1990 by Weber et al. It was found that the former differs considerably and indicates that the social image of psychology now corresponds more accurately to the reality of this profession.

¹ Pesquisa realizada com o apoio e financiamento do Conselho Regional de Psicologia 8ª. Região – Paraná.

² Psicóloga (CPP 08/774); Professora do Departamento de Psicologia da UFPR; Doutora em Psicologia pela USP.

³ Alunos do Curso de Psicologia da UFPR; membros do Grupo de Pesquisa em Psicologia da UFPR.

"Pois foi que mais tarde, anos, ao fim de uma ocasião de sofrimentos grandes, de novo me defrontei - não rosto a rosto. O espelho mostrou-me. Ouça. Por um certo tempo, nada enxerguei. Só então, só depois: o tênue começo de um quanto como a luz, que se nublava, aos poucos tentando-se em débil cintilação, radiância. Seu mínimo ondear comovia-me, ou já estaria contido em minha emoção? Que luzinha, aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa? Se quiser, infira o senhor mesmo."

João Guimarães Rosa, O espelho.

Diversos estudos têm focado, ao longo de décadas, que a imagem social que o público leigo, e mesmo os profissionais do ramo têm do psicólogo e da Psicologia, apresenta-se de uma forma equivocada e limitada, geralmente associada fortemente à prática clínica (MELLO, 1975; CFP, 1988; BASTOS & GOMIDE, 1989; CARVALHO & KAVANO, 1982; LEME, BUSSAB & OTTA, 1989, WEBER, 1991; WEBER, RICKLI & LIVISKI, 1994)

É preciso cuidado para fazer uma clara distinção entre campo de atuação profissional, mercado profissional e área de conhecimento (WEBER, BOTOMÉ E REBELLATO, 1994). A Psicologia não é sinônimo de psicoterapia. Segundo pesquisa realizada por LEME, BUSSAB E OTTA (1989), a Psicologia é conhecida principalmente como Psicologia Clínica, e essa representação não difere do que realmente acontece em nosso meio, ou seja, a área clínica (especialmente o trabalho em consultórios) é aquela que reúne o maior número de profissionais, e a formação proposta na maioria das universidades não parece dedicar-se a corrigir a tendência predominante. O conhecimento da Psicologia é sobre “comportamento” e, portanto, o psicólogo não deve lidar apenas com patologias, ou seja, com o que está inadequado. Ele deve também fazer a prevenção e a manutenção dos estados de saúde psicológica. Para tanto, não deve apenas lidar com o indivíduo, mas também com estruturas mais amplas que estão agindo como determinantes, tais como os ambientes de trabalho, a escola, esportes, área forense etc. O psicólogo não deve somente tratar o “homem que sofre”, mas também das “condições que geram este sofrimento”. Como uma comparação, pode-se dizer que não adianta muito à Odontologia apenas restaurar os dentes cariados: deve-se ensinar às pessoas escovar os dentes, cuidar da boca, prevenir, enfim, as cáries. É por isso que os psicólogos estão sempre falando do ponto de vista da ciência psicológica sobre algum fenômeno. Isso não é simplesmente dar a sua opinião sobre um fato, mas é emitir um parecer com base em uma ciência que faz esforços de estudo, pesquisa e intervenção para proporcionar conhecimento e, conseqüentemente, melhor qualidade de vida às pessoas.

Estas observações permitem perceber que, por meio do domínio da área de conhecimento da Psicologia, existe a possibilidade de desenvolver uma análise crítica dos nossos sistemas sociais e das contingências a que estamos expostos diariamente. Com a compreensão do comportamento humano, suas relações e seus determinantes, tem-se condições necessárias para analisar o ser inserido dentro do sistema,

na estrutura social, política, econômica (e tantas outras) que reproduzem os “problemas” nas pessoas, e com isso, propor alternativas de prevenção através de uma atuação psicológica.

Em síntese, é importante enfatizar que a Psicologia é muito mais complexa do que o senso comum faz crer e possui um embasamento cultural, histórico, social, explicativo e científico. É preciso conhecer suas possibilidades e seus limites enquanto área de conhecimento e profissão, e entender que essas subdivisões também não são rígidas nem estáticas, mas estão como que entrelaçadas e sempre em movimento, assim como o ser humano.

Outro aspecto a ser analisado diz respeito ao perfil atual dos profissionais em Psicologia, segundo os próprios psicólogos. Um estudo foi especialmente desenvolvido para o Conselho Federal de Psicologia, com o objetivo de identificar a realidade profissional de seus associados e suas avaliações quanto à atuação de seus conselhos profissionais no âmbito regional e federal. Nesse estudo constatou-se que a Psicologia é uma profissão exercida principalmente por mulheres (92,2%), e a maioria dos profissionais tem idade entre 26 e 44 anos (75%). Motivados pela preocupação em estarem atualizados na profissão, 53,8% dos participantes da pesquisa investiram em uma formação complementar após a graduação: 46,5% fizeram especializações, 5,2% mestrado e 3,2% fizeram doutorado. Dentre os psicólogos graduados que foram entrevistados, apenas 75,1% estão em pleno exercício da psicologia, o restante (24,9%) justificou a evasão da área de psicologia por motivos de natureza pessoal, pelo baixo reconhecimento da profissão perante a sociedade ou pela situação econômica do país. Quanto às áreas de atuação dos psicólogos, essa pesquisa constatou que a Psicologia Clínica continua sendo a principal área de atuação da maioria dos profissionais (54,9%). Em segundo lugar, encontram-se a Psicologia da Saúde e a Psicologia Organizacional, ambas representam 12% dos casos. Também merece destaque o surgimento de novas áreas de atuação do psicólogo, como a Psicologia do Trânsito e a Psicologia Jurídica, exercidas por 3,9% e 2,5% dos profissionais respectivamente.

A Psicologia já completou 40 anos como profissão regulamentada no Brasil, e é preciso identificar e analisar a imagem da psicologia e do psicólogo junto à população para tecer ações de divulgação mais eficientes. Há 12 anos uma pesquisa foi realizada por WEBER (1991), apoiada pelo CRP-08, e serviu para divulgação e debate nas universidades. Os dados da presente pesquisa serão comparados com aqueles obtidos em 1990. Os objetivos desta pesquisa foram: 1) Comparar os dados obtidos em 2002 com aqueles de 1990; 2) Identificar os principais aspectos da imagem da Psicologia para o público leigo; 3) Identificar os principais aspectos da imagem do psicólogo para o público leigo; 4) Verificar os principais conceitos e preconceitos associados à Psicologia; 5) Verificar os principais conceitos e preconceitos associados ao psicólogo; 6) Realizar cruzamentos dos dados das principais variáveis e verificar a existência de possíveis correlações entre as variáveis estudadas.

MÉTODO

Participantes: 400 pessoas de ambos os sexos, com idade acima de 18 anos, moradores da cidade de Curitiba e arredores.

Material: questionário com 6 questões abertas e 11 questões fechadas, especialmente elaborado para a presente pesquisa, tendo por base o questionário usado por WEBER (1991).

Procedimento: alunos dos Cursos de Psicologia de Curitiba foram treinados para entrevistarem pessoas que passassem no dia 27 de agosto na Rua das Flores. Os questionários também foram distribuídos em alguns Postos de Saúde de Curitiba. Ao todo, foram aplicados 590 questionários e destes, foram selecionados *a posteriori*, 400 questionários que representassem diferentes idades e níveis socioeconômicos da população curitibana.

Análise dos dados: as questões abertas foram categorizadas de acordo com variação semântica e contemplando as categorias obtidas em 1990. Posteriormente, foram categorizadas e incluídas em uma Base de Dados do SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) e obtidos dados em frequência e porcentagem e categorias cruzadas, avaliadas estatisticamente pelo teste de qui-quadrado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As 400 pessoas entrevistadas tinham 18 a 60 anos, com distribuição praticamente equivalente em todas as faixas etárias e 50,8% eram mulheres e 48,2% homens. Quanto à profissão dos entrevistados, foram criadas categorias de acordo com o grau de escolaridade que a referente profissão exige: estudantes (8,5%); profissões de baixa escolaridade (ex: porteiro e empregada doméstica) (25,8%); profissões de média escolaridade (ex: vendedor e auxiliar administrativo) (33,5%); profissões de alta escolaridade (ex: profissões que exigem diploma de curso superior) (21,3%) e sem definição (11,0%), quando não era possível determinar a escolaridade do entrevistado, por exemplo: aposentados e desempregados. Os sujeitos foram categorizados em relação à sua renda familiar de acordo com o critério: entre R\$0 e R\$800,00 (30,8%); entre R\$801,00 e R\$1400,00 (21,0%); entre R\$1401,00 e R\$2000,00 (21,5%) e renda superior a R\$2000,00 (26,8%).

1. NATUREZA DA PSICOLOGIA

As tabelas apresentam os dados de 2002 (400 participantes), e houve o acréscimo dos resultados obtidos em 1990 (com 307 participantes), quando foram pertinentes.

A primeira pergunta feita aos entrevistados foi: “*Você pode dizer o que é a Psicologia para você? e foram estabelecidas duas dimensões: natureza e objeto da Psicologia.*

Na primeira dimensão foram consideradas as seguintes categorias de naturezas: estudo ou conhecimento; ciência; natureza ambivalente ou confusa; outros (ex: sexto sentido, arte etc) e resposta não especificada.

Tabela 1: Porcentagem de respostas referentes à *natureza da Psicologia* na pergunta “*Você pode dizer o que é a Psicologia para você?*”

<i>Psicologia é...</i>	<i>% em 1990</i>	<i>% em 2002</i>
Estudo/Conhecimento	37,1%	43,3%
Ciência	29,1%	15,5%
Ambíguo/Confuso	8,9%	7,0%
Outros	4,3%	2,5%
Não Sabe/ Não Especificou	20,5%	31,8%
Total	100%	100,0%

A Tabela 1 mostra que 43,3% dos sujeitos identificam a Psicologia como um tipo de conhecimento mas apenas 15,5% a definiram como uma ciência. Uma parcela significativa (31,8%) da população não conseguiu definir a natureza da Psicologia.

Comparando com os resultados da pesquisa de WEBER (1990), publicada em 1991, percebe-se que houve um certo declínio no número de pessoas que definem a psicologia como uma ciência. Em 1990, 29,1% dos entrevistados definiu Psicologia como uma ciência, atualmente apenas 15,5% das pessoas fizeram o mesmo. Na verdade, a Psicologia tem duas naturezas distintas porém interligadas, é uma ciência e é também uma profissão.

2. OBJETO DA PSICOLOGIA

Quanto ao objeto da Psicologia, estão enquadrados nessa dimensão as categorias: funções mentais/alma/psique; comportamento/conduta; pessoa/ser humano; loucos/doentes mentais; outros, e, não sabe ou não citou.

Tabela 2: Porcentagem de respostas referentes ao *objeto da Psicologia* na pergunta: “*Você pode dizer o que é a Psicologia para você?*”

<i>Objeto da Psicologia</i>	<i>% em 1990</i>	<i>% em 2002</i>
Pessoa/ ser humano/ personalidade	15,6%	37,5%
Funções mentais/alma/sentimentos	32,1%	27,0%
Comportamento	24,6%	14,3%
Loucos	0%	2,3%
Outros	10,3%	2,5%
Não sabe/ não falou	17,3%	16,5%
Total	100%	100,0%

A Tabela 2 mostra que a maior frequência de respostas sobre o objeto da Psicologia foi atribuído à categoria pessoa/ser humano/personalidade (37,5%). A segunda maior frequência foi relacionada às funções mentais e sentimentos (27%). Novamente, é importante salientar o índice relativamente alto de pessoas (16,5%) que não explicitaram ou não sabiam definir o objeto da Psicologia.

Comparando os resultados encontrados em 1990, aparecem diferenças significativas. Antes, o maior índice de respostas se referia às funções mentais, na presente pesquisa, a pessoa/ser humano aparece em primeiro lugar. Em 1990, o segundo objeto mais citado era o comportamento humano (24,6%), na pesquisa atual essa categoria foi apenas a terceira colocada com 14,3%.

Na Tabela 3, foi estabelecida a relação entre a natureza e o objeto da Psicologia, segundo os entrevistados.

Tabela 3: Frequência e porcentagem de respostas referentes à **natureza** e ao **objeto da Psicologia** na pergunta: “*Você pode dizer o que é a Psicologia para você?*”

Objeto da Psicologia	Funções mentais/ alma/ sentimentos	Comportamento	Pessoa/ ser humano/ personalidade	Loucos	Outros/ não sabe/ não falou	Total
Natureza da Psicologia						
Estudo/Conhecimento	75	37	52	3	6	173
	43,4%	21,4%	30,0%	1,7%	3,5%	100,0%
Ciência	18	17	24	2	1	62
	29,0%	27,5%	38,7%	3,2%	1,6%	100,0%
Ambíguo/ Confuso	1	0	21	1	5	28
	3,6%	0%	75,0%	3,5%	17,9%	100,0%
Outros/ não sabe	14	3	53	3	64	137
	10,2%	2,2%	38,7%	2,2%	46,7%	100,0%
Total	108	57	150	9	76	400

A relação entre a natureza da psicologia, considerando-se as categorias de estudo e ciência, com o objeto da psicologia não foi significativa ($\chi^2 = 5,272$; gl = 5; $0,384 > 0,05$).

43,3% das pessoas consideram a Psicologia um “estudo ou conhecimento”. Dentro dessa categoria, a maior parte dos entrevistados definiu como objeto da Psicologia as funções mentais/alma (43,4%), e 30,1% das respostas foram referentes à pessoa/ser humano. Portanto, a resposta mais frequente na pergunta “*Você pode dizer o que é a Psicologia para você?*” foi, de acordo com as categorias, “um estudo das funções mentais”.

No entanto, entre as pessoas que definem a Psicologia como uma ciência, o objeto mais citado foi pessoa/ser humano (38,7%). Logo em seguida, aparecem com maior frequência as respostas referentes às funções mentais/alma (29%) e comportamento (27,4%). Ou seja, para as pessoas que consideram a

Psicologia uma ciência, a maior frequência de respostas à pergunta “*Você pode dizer o que é a Psicologia para você?*” foi “uma ciência do ser humano”.

3. DEFINIÇÃO DO PSICÓLOGO

A segunda pergunta do questionário era: “*Você saberia dizer quem é e o que faz o psicólogo?*” e duas categorias emergiram: “Quem é o psicólogo” e “O que faz o psicólogo”. Na primeira categoria foram consideradas as seguintes respostas: “pessoa/amigo”; “profissional/terapeuta” e “não especificou”.

Tabela 4: Porcentagem de respostas referentes a “Quem é o psicólogo” na pergunta: “*Você saberia dizer quem é e o que faz o psicólogo?*”.

<i>Quem é o psicólogo</i>	<i>% em 1990</i>	<i>% em 2002</i>
Profissional/ Terapeuta/ Orientador	27,0%	53,3%
Pessoa/ Amigo	58,3%	12,0%
Não especificou/ não sabe	14,7%	34,8%
Total	100%	100,0%

Na Tabela 4, observa-se que a maioria das pessoas (53,3%) considera o psicólogo um profissional. Apenas 12% ainda o vê como uma pessoa qualquer ou um amigo. O mais interessante, no entanto, é que 34,8% das pessoas não sabiam ou não conseguiram especificar quem é o psicólogo. Em 1990 o percentual de pessoas que não souberam responder ou não especificaram quem é o psicólogo foi 14,7%, na pesquisa atual esse índice subiu para 34,8%, um aumento significativo. No entanto, atualmente, a maioria das pessoas considera o psicólogo um profissional (53,3%), o que não ocorria em 1990, onde apenas 27,0% dos entrevistados responderam dessa forma. Houve uma inversão: antes o psicólogo era visto como uma pessoa qualquer, e atualmente ela está sendo visto como um profissional.

4. O QUE FAZ O PSICÓLOGO EM SEU TRABALHO

Quanto à questão “*O que faz o psicólogo?*” foram consideradas as atividades referentes a: “ajudar/orientar/ouvir/conversar”; “trabalhar com comportamento humano”; “trabalhar com saúde mental/problemas mentais”; “traumas/problemas específicos” (ex: estresse, doença, orientação profissional); “autoconhecimento”; “resolução de problemas”; “outros” (pesquisa, seleção de pessoal) e “não sabe”.

Tabela 5: Porcentagem de respostas referentes a “*O que faz o psicólogo*” na pergunta: “*Você saberia dizer quem é e o que faz o psicólogo?*”.

<i>O que faz o psicólogo</i>	<i>% em 1990</i>	<i>% em 2002</i>
Ajuda/ orienta/ conversa	20,5%	55,0%
Saúde mental/ problemas mentais	21,5%	16,0%
Trabalho com Comportamento Humano	9,6%	5,5%
Resolve problemas/ traumas	17,1%	8,3%
Promove o Autoconhecimento	5,4%	5,0%
Amigo para confiar e desabafar	8,5%	0%
Outros	5,4%	3,0%
Não sabe	12,0%	7,3%
Total	100%	100,0%

A maioria do entrevistados, 55%, apontou como principal função do psicólogo ajudar, conversar e orientar o cliente. Em seguida apareceu a resposta referente à saúde mental (16%). A categoria “resolver problemas” enquadrou respostas em que o sujeito claramente atribuía ao psicólogo a responsabilidade e a capacidade de solucionar sozinho qualquer tipo de problema que o cliente apresente, mesmo com uma baixa frequência de respostas (8,3%), esse dado indica que uma parcela da população desconhece as reais capacidades e possibilidades de atuação desse profissional. Em 1990, as principais atividades do psicólogo apontadas pelos entrevistados envolviam a saúde mental ou problemas mentais (21,5%) e ajudar/conversar/orientar (20,5%). Em 12 anos, a atividade do psicólogo passou a ser percebida de maneira mais ampla e não apenas ligada a “problemas e traumas”. GOMES, TEIXEIRA, CRESCENTE, FACHEL, SEHN & KLARMANN (1996) encontraram que os leigos tendem a ver a psicoterapia como um processo em que há bastante intervenção por parte do terapeuta, no sentido de orientar as pessoas na resolução de problemas.

Para comparar os presentes resultados com a pesquisa de WEBER (1990), foram analisadas as respostas de acordo com a categorização anterior de “*Quem é o psicólogo*” (Tabela 5) e a sua respectiva atuação. Ou seja, para quem considerou o psicólogo um profissional, quais foram as atividades aplicadas a ele? E para quem o considerou apenas uma pessoa, quais atividades foram citadas?

Tabela 6: Porcentagem de respostas referentes a “*O que faz o psicólogo*” na pergunta: “*Você saberia dizer quem é e o que faz o psicólogo?*” para os sujeitos que consideram o psicólogo uma pessoa.

<i>O que faz o psicólogo (uma pessoa)</i>	<i>% em 1990</i>	<i>% em 2002</i>
Ajuda/ orienta/ conversa	22,9%	57,3%
Saúde mental/ problemas mentais	18,4%	21,6%
Comportamento Humano	7,3%	7,5%
Traumas/ Problemas Específicos	28,5%	8,0%
Autoconhecimento	8,9%	3,8%
Outros	0%	1,9%
Amigo para desabafar	14%	0%
Total	100%	100,0%

Na pesquisa de 1990 a principal atividade ligada ao profissional de Psicologia se referia a traumas e problemas específicos (28,5%). Atualmente, a principal atividade é a ajuda ou orientação. Outro dado interessante diz respeito ao autoconhecimento. Nesta pesquisa apenas 3,8% dos entrevistados apontaram tal função ao psicólogo, enquanto que em 1990 esse número era de 8,9%. A tabela seguinte apresenta essa mesma relação entre a atividade e identidade do psicólogo, porém quando este é visto como um profissional.

Tabela 7: Porcentagem de respostas referentes a “O que faz o psicólogo” na pergunta: “*Você saberia dizer quem é e o que faz o psicólogo?*” para os sujeitos que *consideram o psicólogo um profissional*.

<i>O que faz o psicólogo (um profissional)</i>	<i>% em 1990</i>	<i>% em 2002</i>
Ajuda/ orienta/ conversa	24,1%	56,3%
Saúde mental/ problemas mentais	37,3%	16,7%
Comportamento Humano	19,3%	6,3%
Traumas/ Problemas Específicos	0%	8,4%
Autoconhecimento	0%	6,3%
Outros/não sabe	0%	4,2%
Formado em Psicologia/ Como outro qualquer	19,3%	1,8%
Total	100,0%	100,0%

A principal atividade citada pelos entrevistados diz respeito à orientação ou ajuda (56,3%), com uma incidência bem menor, aparece em segundo lugar, a questão da saúde mental/ problemas mentais. É interessante comparar com os dados da pesquisa de WEBER (1990), onde a atividade ligada à saúde mental era a mais citada pelos entrevistados com 37,3% de incidência. O autoconhecimento nem foi citado na pesquisa de 1990.

5. QUEM JÁ PROCUROU UM PSICÓLOGO E OS MOTIVOS

Na terceira pergunta do questionário “*Você já procurou um psicólogo? Você se importaria em dizer, brevemente, o motivo?*”, 35,7% dos entrevistados afirmaram já ter procurado um psicólogo, e 64,3% dos sujeitos nunca foram atendidos por um psicólogo. Na pesquisa de 1990, 21,2% dos entrevistados afirmaram já ter procurado um psicólogo e 78,8% nunca procuraram. Portanto, houve um aumento de aproximadamente 15%, em 12 anos, no número de pessoas que procuram um psicólogo.

Entre as pessoas que já procuraram um psicólogo os motivos foram categorizados da seguinte maneira: traumas/ problemas específicos (ex: sexuais, doenças, vestibular); problemas familiares ou de relacionamento; problemas com crianças ou adolescentes; autoconhecimento ou problemas existenciais; drogas/ álcool; depressão/ tristeza; ansiedade/ medo/ pânico; outros (curiosidade) ou não disseram a razão.

Tabela 8: Porcentagem de respostas referentes ao motivo que levou a pessoa a procurar o psicólogo.

<i>Motivo para procurar um psicólogo</i>	<i>% em 1990</i>	<i>% em 2002</i>
Família/ Relacionamentos	20,3%	21,0%
Depressão/ Tristeza	0%	21,0%
Traumas/ Problemas específicos	44,7%	19,6%
Autoconhecimento	12,6%	12,6%
Álcool/ Drogas	0%	9,1%
Crianças e Adolescentes	9,8%	7,6%
Pânico/ Ansiedade/ Medo	0%	5,6%
Outros/ Não falou	12,6%	3,5%
Total	100%	100,0

Na Tabela 8 destacam-se como principais motivos: questões familiares ou de relacionamento (21%) e a depressão ou tristeza (21%). As respostas: depressão/tristeza; ansiedade/pânico/medo e drogas/álcool estavam originalmente inclusas na categoria traumas/ problemas específicos. No decorrer da apuração dos resultados, devido à enorme recorrência de tais motivações, novas categorias foram criadas. Comparando esse resultado com a pesquisa de 1990 percebe-se que problemas relacionados à família apresentam porcentagens parecidas, em torno de 20%. Como na pesquisa de 12 anos atrás não existiam as categorias depressão, álcool ou drogas e medo ou pânico, a categoria de problemas específicos abrange tais itens e se destaca como a categoria mais citada; os pesquisadores de 1990 indicam que as pessoas tinham mais receio em dizer abertamente o problema ao pesquisador, diferentemente da atualidade.

A quarta pergunta era “*Você conhece alguém que já procurou um psicólogo?*”. 75,8% dos entrevistados afirmaram conhecer alguém que procurou um psicólogo, e 24,2% dos entrevistados declararam não conhecer ninguém. Em 1990, 63% das pessoas conheciam alguém que já procurou um psicólogo enquanto que 34,8% da população nunca tiveram contato com alguém que já procurou esse profissional. O percentual de pessoas que conhecem alguém que já procurou um psicólogo aumentou aproximadamente 13%, confirmando uma maior popularização do trabalho do psicólogo. A maioria dos entrevistados relatou que seus conhecidos procuraram psicólogos devido a problemas específicos ou traumas (20,1%), como saúde debilitada, filhos com necessidades especiais, preparação para o vestibular e por citação de “traumas” específicos. Também se destacaram problemas familiares ou de relacionamento (19,5%) e a depressão (18,8%). De acordo com a pesquisa de 1990 os problemas mais comuns eram os existenciais ou de autoconhecimento (19,2%), seguido pelos “traumas” (18,3%) e problemas de família (15,4%).

6. ONDE TRABALHA O PSICÓLOGO

Na quinta pergunta, “*Quais os locais onde o psicólogo pode trabalhar?*”, a grande maioria das pessoas enumerou no mínimo três locais onde o psicólogo pode atuar (57,8%), tais como: empresas, clínicas, escolas, hospitais, presídios e esporte. A segunda maior frequência de respostas foi na categoria clínicas/ hospitais (34,8%), o que demonstra que a imagem do psicólogo continua fortemente vinculada à área de saúde. A Tabela 9 apresenta as frequências e porcentagens referentes aos locais onde o psicólogo pode atuar.

Tabela 9: Frequência e porcentagem de respostas referentes ao local em que o psicólogo trabalha.

<i>Local de trabalho do psicólogo</i>	<i>Frequência</i>	<i>% em 2002</i>
Vários (escola, clínica, empresa...)	231	57,8%
Clínica/ Hospitais	139	34,8%
Confuso/ Impróprio	13	3,3%
Empresa	5	1,3%
Escola	5	1,3%
Não sabe	6	1,5%
Outros	1	0,3%
Total	400	100,0%

A segunda parte do questionário era constituída por afirmações onde o sujeito tinha a opção de concordar, discordar ou dizer “não sei” às várias afirmações. Esta parte da pesquisa não foi realizada em 1990. A Tabela 10 apresenta os índices das respostas dos indivíduos em cada uma das questões fechadas, entre as categorias “concordo”, discordo” e “não sei”.

Tabela 10: Porcentagens de respostas das questões fechadas (7 até 17).

<i>Questões</i>	<i>Concordo</i>	<i>Discordo</i>	<i>Não Sei</i>
07. “Uma pessoa somente deve procurar um psicólogo se tiver problemas mentais”	11,8%	87,0%	1,2%
08. “Uma pessoa pode procurar um psicólogo quando precisar de ajuda em seus problemas”	94,0%	4,5%	1,5%
09. “Uma pessoa pode procurar um psicólogo se estiver com problemas de comportamento”	92,8%	5,0%	2,2%
10. “Uma pessoa pode procurar um psicólogo se estiver com problemas como vícios, depressão, stress e etc”	95,3%	3,5%	1,2%
11. “Ninguém precisa procurar um psicólogo”	4,0%	93,0%	3,0%
12. “Uma pessoa pode procurar um psicólogo se quiser se conhecer melhor.”	87,5%	8,5%	4,0%
13. “Uma pessoa pode procurar um psicólogo se precisar de ajuda e não encontrar na família ou com amigos”	95,5%	2,5%	2,0%
14. “Todos devem consultar um psicólogo”	52,0%	36,5%	11,5%
15. “Psicólogo é aquele que somente trata de loucos.”	6,3%	92,3%	1,4%
16. “Uma criança dificilmente precisa de um psicólogo, precisa é de umas palmadas.”	16,3%	76,5%	7,2%
17. “O psicólogo pode ajudar os pais a educarem melhor seus filhos”	90,8%	4,8%	4,4%

Na Tabela 10, percebe-se que a maioria concorda com as seguintes afirmações: *“Uma pessoa pode procurar um psicólogo quando precisar de ajuda em seus problemas”* (94,0%); *“Uma pessoa pode procurar um psicólogo se estiver com problemas de comportamento”* (92,8%); *“Uma pessoa pode procurar um psicólogo se estiver com problemas como vícios, depressão, stress etc”* (95,3%); *“Uma pessoa pode procurar um psicólogo se quiser se conhecer melhor”* (87,5%); *“Uma pessoa pode procurar um psicólogo se precisar de ajuda e não encontrar na família ou com amigos”* (95,5%); *“O psicólogo pode ajudar os pais a educarem melhor seus filhos”* (90,8%). Esse resultado indica que a atividade do psicólogo é bem compreendida pela maioria da população pesquisada, uma vez que tais afirmativas fazem parte do repertório de um psicólogo na sua prática diária.

A maioria das pessoas não concordou com tais afirmações: *“Uma pessoa somente deve procurar um psicólogo se tiver problemas mentais”* (87,0%); *“Ninguém precisa procurar um psicólogo”* (93,9%); *“Psicólogo é aquele que somente trata de loucos.”* (92,3%). Esses dados demonstram que certos estigmas em relação ao papel do psicólogo estão sendo superados, embora seja surpreendente que cerca de 23% das pessoas concordam que uma criança dificilmente precisa de um psicólogo, mas de umas palmadas...

CONCLUSÕES

Na análise dos dados percebe-se que, tanto em 1990 quanto em 2002, a maioria das pessoas considera a Psicologia como um “estudo” ou “conhecimento”. Um aspecto a se observar é que de 1990 para 2002 a incidência de pessoas que consideravam a Psicologia como uma ciência diminuiu consideravelmente, 13,6%. Visto que a Psicologia é uma ciência, cabe aos seus profissionais, através da sua prática, difundir entre a população leiga o conceito de Psicologia como uma ciência. Na verdade, a Psicologia tem duas naturezas distintas interligadas, é uma ciência e é também uma profissão.

Em relação à atividade do psicólogo, na pesquisa de 1990, constatou-se que o objeto mais citado pela população referia-se às funções mentais ou da alma e sua atuação resumia-se à manutenção da saúde mental. Na pesquisa atual, o objeto mais citado foi o ser humano. A partir disso, pode-se concluir que a conceituação do objeto da psicologia atribuído atualmente pela população está de acordo com o verdadeiro objeto da psicologia, englobando diferentes áreas de atuação onde existam relacionamentos interpessoais.

Em relação à representação do psicólogo, a maioria dos entrevistados em 1990 o considerava como uma pessoa ou amigo. Essa perspectiva foi superada na atual pesquisa, onde o psicólogo passou a ser visto efetivamente como um profissional. Essa mudança é favorável aos psicólogos, uma vez que, ao reconhecer

o psicólogo como um profissional, que passou por um processo de formação específico para atuar nessa área, distingue-o de um mero conselheiro.

A maioria dos entrevistados soube responder adequadamente à pergunta referente às áreas de atuação do psicólogo, citando o trabalho da clínica, nas empresas e em escolas. Outras áreas de atuação dificilmente foram lembradas. No entanto, é possível perceber uma preponderância de respostas que remetem à atuação clínica, o que condiz com a realidade, uma vez que realmente a maioria dos psicólogos atua realmente nessa área.

Muitas vezes os psicólogos consideram erroneamente que a população tem uma imagem distorcida e estereotipada em relação a eles e suas atividades. No entanto, essa pesquisa derruba alguns mitos. É uma parcela pequena da população que ainda considera o psicólogo como “médico de loucos” ou que acha que “ninguém precisa procurar um psicólogo”.

Assim, percebe-se que o conhecimento do público leigo em relação à Psicologia está cada vez mais próximo da realidade do perfil e da natureza do exercício do profissional de Psicologia. Mas, a noção do que é Psicologia, do que se trata, qual a sua aplicação, parece ainda não estar totalmente clara em alguns grupos da sociedade, o que pode intervir na imagem dos profissionais da área, das pessoas que solicitam seus serviços e das vantagens que pode trazer ao homem.

REFERÊNCIAS

- BOTOMÉ, S. P. A quem nós, psicólogos, servimos de fato? *Psicologia*, 1, 1-16, 1979.
- CARVALHO, A. M. A., & KAVANO, E. A. Justificativas de opção por área de trabalho em Psicologia: uma análise da imagem da profissão em psicólogos recém-formados. *Psicologia*, 3, 1-18, 1982.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Avaliação da atuação dos Conselhos Regionais e Federal - 2001. Obtido em 20 de agosto de 2003 do World Wide Web: <http://www.pol.org.br/atualidades/materias.cfm>
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Org.). *Quem é o psicólogo brasileiro?* São Paulo: Edicon, 1982.
- GOMES, W.B.; TEIXEIRA, M.A.P.L CRESCENTE, D.B.; FACHEL, J.; SEHN, L. & KLARMANN, P. Atitudes e crenças de estudantes universitários sobre psicoterapia e psicólogos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 12(2), 1996, 121-127.
- LEME, M. A. V. S., BUSSAB, V. S. R., & OTTA, E. A representação social da Psicologia e do Psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 1, 29-35, 1989.
- MELLO, S. L. *Psicologia e profissão em São Paulo*. São Paulo: Ática, 1975.
- WEBER, L. N. D.; BOTOMÉ, S. P. & REBELLATO, J.R. Psicologia: definições, perspectivas e desenvolvimento. *Psicologia Argumento*, 19, 9-28. 1996.
- WEBER, L.N.D. A representação social do psicólogo em Curitiba. *Psicologia Argumento*, 10, 24-35, 1991.
- WEBER, L.N.D. Qual a imagem que o público leigo tem do psicólogo? *Documenta CRP-08*, 1(1), 43-48, 1991.
- WEBER, L. N. D.; RICKLI, A. & LIVISKI, J. D. Atuação e formação do psicólogo como fatores que influenciam a representação social da Psicologia. *Psicologia Argumento*, XV, 71-88, 1994.